

Arqueologia de Proença-a-Nova: estado dos conhecimentos

Archaeology of Proença-a-Nova: state of the art

Francisco Henriques (fjrhenriq@gmail.com) Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT)

João Caninas (emerita.portugal@gmail.com) AEAT, CHAIA-Universidade de Évora

Mário Monteiro (mario.monteiro@emerita.pt), AEAT

Paulo Félix (pfelix_pt@yahoo.com.br) AEAT

André Pereira (pereira.andre@sapo.pt) AEAT

Cátia Mendes (catiamcmendes@gmail.com) AEAT

Emanuel Carvalho (emanuelscarvalho@gmail.com) AEAT

Resumo: Até finais do séc. XX os trabalhos arqueológicos realizados no concelho de Proença-a-Nova foram caracterizados por intervenções episódicas, descontínuas ou inconsequentes. São disso exemplo, na primeira década do século, os registos de Francisco Tavares de Proença Júnior, a inventariação de monumentos megalíticos por Georg e Vera Leisner, datável talvez dos anos 40, e notícias ou estudos pontuais a cargo de outros investigadores. Desde os finais dos anos 70 até à actualidade, refiram-se as prospekções empreendidas pela Associação de Estudos do Alto Tejo e, a partir do século XXI, os contributos proporcionados pelos Estudos de Impacte Ambiental de projectos.

A investigação arqueológica no território de Proença-a-Nova ganhou novas dimensões, em resultado do empenhamento do município de Proença-a-Nova com a Associação de Estudos do Alto Tejo no estabelecimento de uma acção mais duradoura em três diferentes domínios: (1) o desenvolvimento do inventário de sítios arqueológicos à escala municipal; (2) o estudo e valorização de sepulturas megalíticas; (3) o estudo e valorização das estruturas militares dos sécs. XVIII-XIX.

Este programa de acção culminou em 2012 com a criação do *Campo Arqueológico de Proença-a-Nova* que, em 2015, incluiu trabalhos de escavação nos mo-

numentos megalíticos do Cabeço da Anta e de Vale de Alvito (4º a 3º milénio a.C.), no forte setecentista sobranceiro à Ponte do Alvito e no recinto muralhado do Chão de Galego (2º a 1º milénio a.C.). Esta última acção ilustra a intenção de alargar a investigação ao conhecimento do povoamento antigo deste território.

Palavras-chave: Carta arqueológica; Campo Arqueológico de Proença-a-Nova; Projecto Mesopotamos; Proença-a-Nova.

Abstract: Until the end of the twentieth century, the archaeological work carried out at the municipality of Proença-a-Nova was characterized by episodic, discontinuous or inconclusive interventions. As examples of this in the first decade of the century, the records made by Francisco Tavares de Proença Jr., the inventory of megalithic monuments produced by Georg and Vera Leisner probably during the 1940's, but only published by the end of the century, and occasional news or studies under the responsibility of other researchers. Most recently, from the late 1970's until the present day, one should mention the surveys undertaken by the Associação de Estudos do Alto Tejo, and, this century already, the contribution provided by environmental impact assessment studies of several projects.

In recent years, archaeological research in the territory of Proença-a-Nova took on new dimensions as a result of the commitment of the municipality of Proença-a-Nova with the Associação de Estudos do Alto Tejo, by establishing a longer term course of action. In this context, it was possible to extend the knowledge of the archaeological heritage of Proença-a-Nova in three different areas: (1) the development of an inventory of archaeological sites at the municipal level; (2) the study and promotion of megalithic graves, priority given to those integrated into the pedestrian path created by the municipality at Moitas, called “The History in the Landscape”; and, (3) the study and promotion of military structures (eighteenth-nineteenth centuries) belonging to the Defensive Line of Talhadas-Moradal.

This program culminated in 2012 with the creation of Proença-a-Nova International Archaeological Field Camp, whose fourth edition, covering the year 2015, included a diversified program, with excavation works performed at the megalithic monuments of Cabeço da Anta and Vale de Alvito (fourth to third millennium BC), at the eighteenth century fort overlooking the Alvito bridge, and at the walled enclosure of Chão de Galego (second to first millennium BC). The latter illustrates the intention to expand the investigation to the knowledge of this territory ancient settlement patterns.

Keywords: Archaeological inventory; Proença-a-Nova Archaeological Field Camp; Mesopotamos Project; Proença-a-Nova.

1. Introdução e antecedentes

A investigação arqueológica no concelho de Proença-a-Nova teve um desenvolvimento tardio, já em pleno século XXI, se a qualificarmos com base em escavações arqueológicas. De facto, data de 2007 a primeira intervenção deste tipo, numa estrutura militar da Linha Defensiva das Talhadas-Moradal, o forte das Baterias (Monteiro & Pereira, 2008), mais de 100 anos depois da primeira escavação ocorrida no município vizinho de Vila Velha de Ródão, na anta da

Urgueira (Proença Júnior, 1904).

Porém, o património arqueológico deste município começou a merecer a atenção dos investigadores muito antes dessa data, pelo menos a partir do início do séc. XX, integrado em inventário distrital da autoria de Francisco Tavares de Proença Júnior, personalidade referencial da arqueologia do distrito de Castelo Branco (Ferreira, 2004). Contudo, a informação que nos lega (Proença Júnior, 1910) reporta-se apenas a três localidades situadas ao longo da estrada nacional de Castelo Branco para Proença-a-Nova. São elas, Catraia (nove machados de pedra polida, uma possível mina romana e uma “gruta” na serra), Sobreira Formosa (seis antas, cinco machados de pedra polida, uma sepultura romana, com um anel de ouro, e sete moedas de cobre imperiais) e Proença-a-Nova (uma estação romana e duas moedas de bronze imperiais). Nos seus inéditos foram ainda encontradas outras informações, nomeadamente uma citação pioneira aos fortes, do séc. XVIII, relacionando-os com as invasões francesas (Antunes, 2008, 153). Este acervo é, porém, escasso, demonstrando o reduzido investimento que este investigador dedicou ao território proencense.

Alguns no segundo quartel do séc. XX, o património arqueológico de Proença-a-Nova ganha uma nova dimensão e importância com a passagem de arqueólogos alemães dedicados ao estudo dos monumentos megalíticos. Georg e Vera Leisner assinalam um numeroso conjunto de 95 *antas* (Leisner & Leisner, 1956; Leiner, 1998), mas não chegam a aprofundar a investigação deste acervo, tendo legado, além da cartografia (Fig. 1) e de escassas descrições, as plantas de apenas cinco monumentos (Leisner, 1998) e a fotografia de um deles (Leisner & Leisner, 1956). A razão que os levou a centrar a atenção em Proença-a-Nova, em detrimento de outros municípios da Beira Baixa, está por determinar. Pode ter sido o Padre Henrique Louro (Louro, 1939), autor de uma monografia com citações a sítios de Proença-a-Nova, a facilitar o reconhecimento desse património com uma carta de recomendação, datada de 9 de Abril de 1944, dirigida a um residente, com o encargo de encaminhar Georg e Vera Leisner para uma anta sita perto do Caniçal Cimeiro.

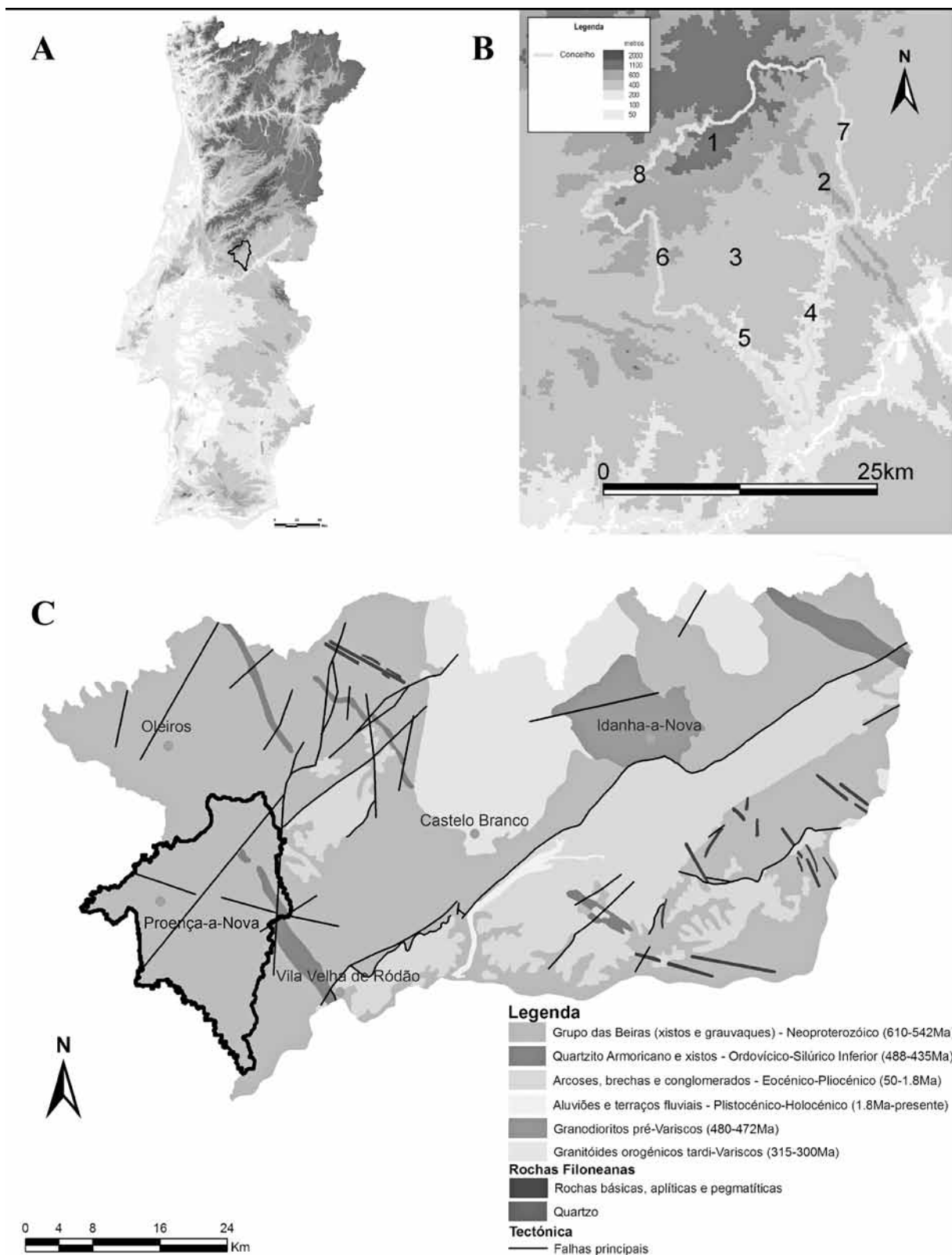


Fig.1 - Localização do município de Proença-a-Nova. (A, B) sobre mapa hipsométrico (fonte: www.guiadeportugal.pt) e (C) sobre mapa geológico adaptado (fonte: www.naturtejo.com). 1 - Serra das Corgas, 2 - Serra das Talhadas, 3 - planalto interior, 4 - rio Ocreza, 5 - ribeira da Pracana, 6 - ribeira do Mesão Frio, 7 - ribeira do Alvito, 8 - ribeira da Isna.

A partir do último quartel do séc. XX, até ao presente, a AEAT dedica uma atenção continuada à inventariação do património arqueológico deste município, começando por incluir algumas referências em publicações dos anos 80 (Henriques & Caninas, 1980; 1986). Este acervo diversifica-se e cresce significativamente com o incremento das prospecções, a partir do fim do século, graças ao apoio proporcionado pelo projecto de investigação *Altejo – Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português* (1998-2003), sendo um dos principais contribuintes para o carregamento da base de dados pública de sítios arqueológicos (Endovélico), no que respeita a este município.

Durante este tempo surgem outros contributos, quase sempre episódicos, decorrentes de investigações privadas, de âmbito temático (Saa, 1960; Alarcão, 1988a, 1988b; Batata, 2006), de estudos de materiais (Diogo & Catarino, 2006), ou simples notícias (Louro, 1939; Hipólito, 1961) e, mais recentemente, resultantes de projectos abrangidos por procedimentos de avaliação de impacte ambiental.

A partir de 2012, com a instituição do Campo Arqueológico de Proença-a-Nova (ver <http://archaeologicalfieldcamps-portugal.pt>), resultante de uma parceria estabelecida entre a Câmara Municipal de Proença-a-Nova e a AEAT, a investigação deste património ganha continuidade na acção e uma nova dimensão, potenciada por objectivos de valorização pública, de formação e de divulgação a uma escala internacional. Começam por ser definidos três domínios de acção: (1) o desenvolvimento do inventário de sítios arqueológicos, como ferramenta de salvaguarda pelo conhecimento e de apoio ao planeamento e gestão do território municipal; (2) o estudo e valorização do património megalítico, com prioridade aos monumentos integrados pelo município no percurso pedestre “PR1 - A História na Paisagem”, sito nas Moitas; e (3) o estudo e valorização das construções militares pertencentes à Linha Defensiva das Talhadas-Moradal, parte das quais também integradas noutro percurso pedestre de iniciativa municipal, o “PR4 - Pela Linha da Defesa”.

Desde 2012, os trabalhos têm sido focados na es-

cavação das sepulturas megalíticas de Cão (ou Covão) do Ribeiro, de (Cimo do) Vale de Alvito e do Cabeço da Anta, integradas no “PR1 - A História na Paisagem” e descobertas originalmente por Georg e Vera Leisner (Leisner, 1998). Os trabalhos foram concluídos no primeiro daqueles monumentos com uma reconstrução parcial que o qualifica para visitação. O programa da campanha de 2015, para além de dar continuidade aos trabalhos em Vale de Alvito e Cabeço da Anta, inclui duas novas frentes de trabalho, uma referente à Linha Defensiva das Talhadas-Moradal, com a última etapa de escavações no forte das Batarías 1, sobranceiro à Ponte do Alvito, e outra frente de investigação focada no povoamento antigo deste território com o arranque das pesquisas no recinto muralhado do Chão de Galego. A partir de 2015, estes trabalhos ficam enquadrados no projecto de investigação *Mesopotamos - Povoamento entre o 5º e o 1º milénio a.C. entre os rios Tejo e Zêzere na actual Beira Baixa*.

Com esta comunicação pretendemos prestar informação, breve, sobre o estado dos conhecimentos acerca do património arqueológico do município de Proença-a-Nova e agradecer a todos quanto tornaram possível esta *caminhada*, em especial à Câmara Municipal de Proença-a-Nova, nas pessoas do seu presidente, Eng.º João Paulo Catarino, dos vereadores, Eng.º João Lobo e Prof. João Manso, dos técnicos, em especial Isabel Gaspar, António Sequeira e Pedro Martins, e aos proprietários que entusiasticamente nos têm acolhido e acompanhado, nomeadamente José Adelino Ribeiro Cristóvão, Diamantino Ribeiro Cristóvão, Helena Fernandes Lopes, João Luis Cardoso Dias e António de Jesus Lourenço.

2. Enquadramento natural

O território pertencente ao município de Proença-a-Nova, situado no Centro Interior do território continental (Fig. 1A), encontra-se quase totalmente confinado por obstáculos naturais de difícil transposição e é admissível que a actual demarcação administrativa se tenha adaptado a esse condicionamento geográfico, o qual pode ter influenciado, muito ante-

riormente, a organização do povoamento e a formação de uma identidade sustentada por uma rede específica de interesses entre comunidades residentes. Verifique-se a proximidade entre os limites municipais actuais e o limite exterior dos antigos concelhos de Proença-a-Nova e Sobreira Formosa, no séc. XIII (Alarcão, 2013: 85). Invoca-se esta hipótese geográfica pela relevância que pode ter tido num passado mais remoto, a partir do estabelecimento das primeiras comunidades sedentárias, pré-históricas. Essa individualidade foi, aliás, expressivamente representada numa antiga carta eco-fisionómica de Portugal (Atlas do Ambiente, 1984), que faz coincidir com Proença uma unidade de paisagem dentro da região natural da Beira Baixa. Mais recentemente, no âmbito de uma actualizada proposta de caracterização da paisagem portuguesa (Cancela D'Abreu *et al.*, 2003) essa identidade é alargada ao território de Fratel, formando uma subdivisão da unidade de paisagem do Pinhal Interior.

Como se observa na Fig. 1B, o limite norte acompanha aproximadamente os cimos da Serra das Corgas (trecho ocidental da Cordilheira Central Ibérica), ou de Paio Martinho, de acordo com o nome que figura em documentos mais antigos (Catharino, 1933: 37), envolvendo a Serra da Porca, no lado mais ocidental. A maior parte do perímetro fronteiriço é constituído por sucessivos cursos de água que, em conjunto, convergem para o rio Tejo. São eles, de noroeste para sul, as ribeiras da Isna, do Mesão Frio e da Pracana, e, de sul para nordeste, o rio Ocreza e a ribeira do Alvito. O território assim delimitado corresponde maioritariamente a uma plataforma inclinada para sudeste, muito fissurada pela rede hidrográfica e atravessada por inúmeras falhas geológicas, sendo a principal a que separa este planalto do bloco montanhoso situado a norte e noroeste. Existe um outro relevo marcante, o trecho mais setentrional da Serra das Talhadas, mas não coincide com a actual fronteira administrativa, embora se admita (Alarcão, 2013) que teve tal valência no passado medieval, pelo menos na área de Ródão.

O substrato geológico (Fig.1C) é constituído, na

maior parte, por rochas metassedimentares do chamado Grupo das Beiras, datadas do Neoproterozóico (de 610 a 542 Ma), e uma reduzida crista de quartzitos do Ordovícico-Silúrico Inferior (de 488 a 435 Ma). Devido à erosão, formações geológicas mais recentes como os depósitos detriticos cenozóicos (de 50 a 1 Ma) não oferecem a expressão cartográfica, extensiva, que se observa a leste de Proença-a-Nova, nos municípios de Vila Velha de Ródão, Castelo Branco e Idanha-a-Nova. Tais formações estão limitadas a depósitos de detritos grosseiros e de sedimentos finos areno-argilosos, nomeadamente nos terraços que marginam os principais cursos de água, com destaque para o rio Ocreza. Referimos esta circunstância porque pode ter condicionado a conservação/presença de alguns tipos de sítios arqueológicos pré-históricos.

O território de Proença-a-Nova conserva uma elevada diversidade ambiental, biótica e geológica, que tem sido valorizada pelo município e pelo Geopark Naturtejo (Carvalho, 2011; Neto de Carvalho & Rodrigues, 2012), a que pertence. É expressiva desse potencial, para a conservação e desenvolvimento, a proposta de criação do Parque Natural Regional do Almourão, em curso, por iniciativa dos municípios de Proença-a-Nova e de Vila Velha de Ródão, em cujo contexto o património arqueológico se integra de pleno direito.

3. Inventário arqueológico

Até ao momento ainda não se atingiu uma cobertura sistemática do território municipal ao nível do seu reconhecimento arqueológico. As prospecções executadas pela AEAT têm sido predominantemente selectivas em relação ao espaço e às temáticas, isto é, dirigidas para espaços específicos, para determinadas tipologias de sítios arqueológicos e para o reconhecimento de referências documentais ou de informações locais. Alguns dos temas visados não são específicos do território proencense e têm uma expressão e um enquadramento regional, havendo antecedentes da sua pesquisa, por parte da AEAT, noutros municípios da Comunidade Intermunicipal da Beira Baixa.

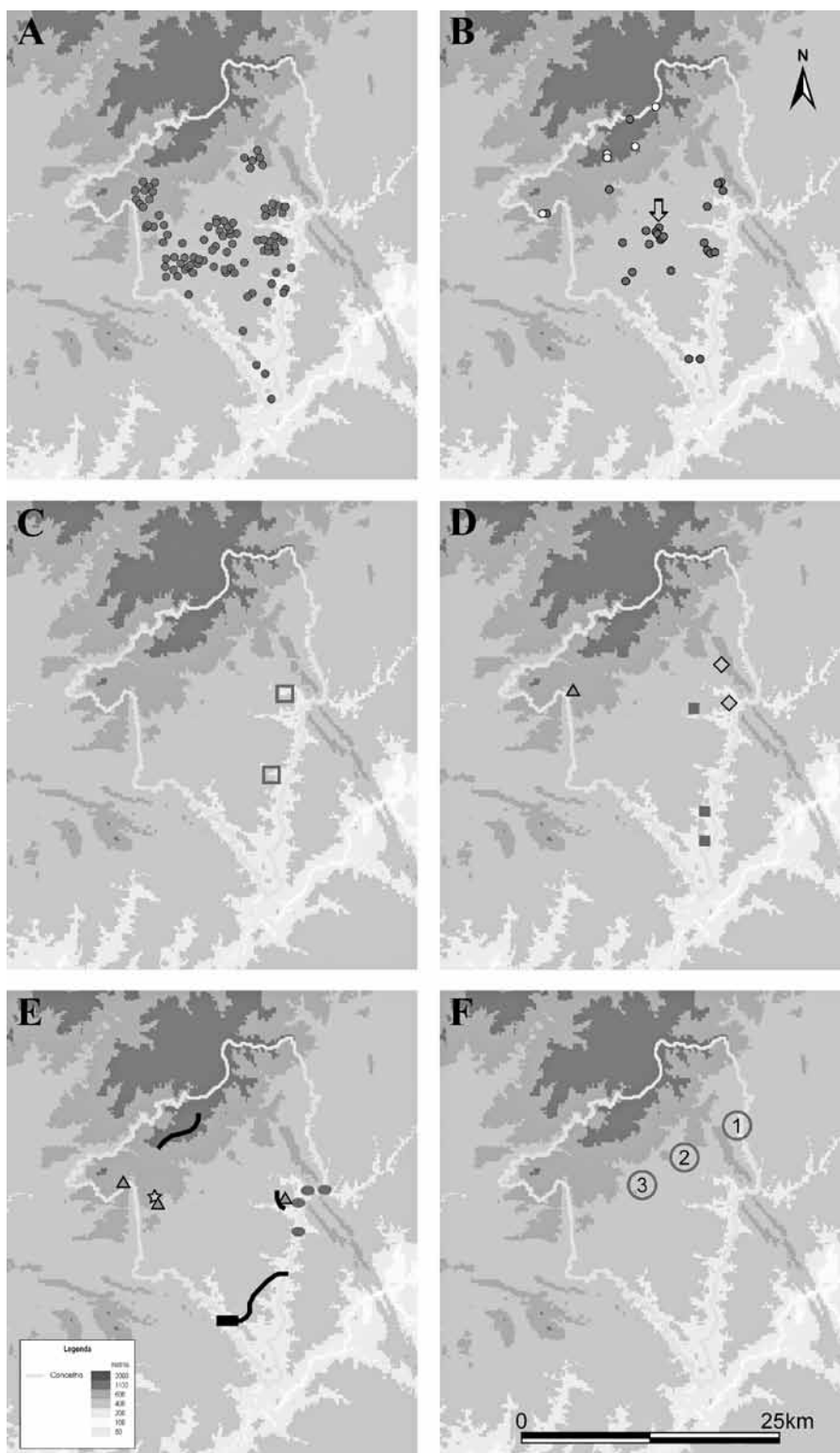


Fig. 2 - Localização de alguns sítios arqueológicos. (A) Sepulturas megalíticas (antas) segundo Leisner (1998). (B) Sepulturas megalíticas (antas) segundo AEAT (2015); a seta indica o núcleo das Moitas. (C) Espaços murallhados da Idade do Bronze (●) e da Idade do Ferro (■). (D) Sítios com arte rupestre. Gravuras picotadas e covinhas (■), gravuras incisas (▲) e pinturas (◆). (E) Ocorrências da época romana. Habitat (▲), via (linha), ponte (—), conheira (●), inscrição funerária (*). (F) Estruturas militares. (1) Dispositivo envolvente da Ponte do Alvito. (2) Forte e baterias sobre a ribeira da Fróia. (3) Trincheiras sobre a estrada de Vale de Urso.

Como exemplos desta metodologia, com resultados positivos, cita-se a identificação: (a) de pinturas pré-históricas sobre suportes quartzíticos, em posições da serra das Talhadas consideradas relevantes do ponto de vista morfológico e topográfico (cavidades ou painéis verticais protegidos por palas, em zonas de passagem, ou com exposição a sul e nascente), com resultados fiáveis embora quantitativamente pouco expressivos (Henriques *et al.*, 2011a); (b) de sepulturas megalíticas, tendo como base a cartografia produzida pelo casal Leisner (Leisner, 1998), que contém registos disseminados pelo município, e com apoio em informantes locais ou indícios fisiográficos; (c) de vestígios de exploração aurífera antiga dos depósitos de terraço do rio Ocreza, com destaque para os escombros grosseiros (conheiras), linha de pesquisa que foi potenciada pela expressão regional desta realidade (Henriques *et al.*, 2011b) e pela sobrevivência do garimpo até à actualidade; (d) do dispositivo militar defensivo dos séc. XVIII-XIX (Henriques *et al.*, 2002, 2005; Monteiro, 2013), concentrado em pontos de controlo da antiga estrada nacional que ligava Castelo Branco a Proença-a-Nova, com passagem na Sobreira Formosa. As sepulturas megalíticas e as estruturas militares estão entre as categorias arqueológicas mais representativas.

No quadro 1 exemplificamos a diversidade das 245 ocorrências registadas até ao momento na base de dados criada para o efeito pela AEAT. Estão ordenadas por períodos cronológicos (do passado para o presente) e dentro de cada período por ordem alfabética da tipologia. Uma parte significativa destes registos consta da base de dados de sítios arqueológicas sob gestão da Direcção Geral do Património Cultural. Nos mapas da Fig. 2 assinalamos apenas algumas ocorrências deste inventário.

Os sítios mais citados, e até *reverenciados*, pelas comunidades locais e por investigadores foram os primeiros a merecer a nossa atenção e o seu reconhecimento em campo. Damos alguns exemplos: (a) a Pedra das Letras, que, para além da fonte (Louro, 1939), foi abordada por inúmeros arqueólogos (Batata, 2006; Henriques & Caninas, 2009; Coimbra, 2013); (b) o recinto muralhado, monumental, do Chão de Galego, chamado

de Estrada dos Mouros (Catharino, 1933: 223) e Calçada do Mouros (calçada nesta região tanto pode significar caminho calcetado como muro de suporte de oliveiras), quase desconhecido para os investigadores, foi divulgado no anúncio da Festa das Cerejas, de Junho de 1984, em Chão do Galego, do seguinte modo: *Visite-nos! Além de apreciar a boa Cereja da Região, conhecer a Buraca da Moura e a Estrada da Moura, descubra a Cidade Céltica e as Murallas Envolventes. DIVIRTA-SE e aumenta a sua cultura Arqueológica com pontos de vista de grande interesse na Festa das Cerejas*; (3) o Castelo do Chão do Trigo ou Cerca do Peral, citada por vários investigadores (Catharino, 1933: 218; Diogo & Catarino, 2006; Henriques & Caninas, 2013), um dos quais nos lega um registo fotográfico (Almeida, 1945), tem nas *Memórias Paroquiais* de 1758 a referência mais antiga ao tesouro monetário (Hipólito, 1961) achado nas suas proximidades; (4) os fortes e as baterias (Castello Melhor & Cardoso, 1810; Catharino, 1933: 222; Santos, 1976), do conjunto que se convencionou chamar Linha Defensiva das Talhadas-Moradal, embora citados por historiadores militares (Santos, 1976) foram colocados no mapa após o seu reconhecimento arqueológico; e (5) diversas “buracas da moura” envolvidas em lendas locais (Vilhena, 1995; Henriques *et al.*, 2001).

Muitos dos achados móveis referidos na bibliografia, sobretudo os de maior valor transaccional, estão perdidos, sendo desconhecido o local exacto do seu achamento. São os casos, referidos na monografia de Proença-a-Nova (Catharino, 1933: 217, 218), de um “tesouro” com uma taça gravada com “caracteres ibéricos”, no Padrão, e o já citado tesouro monetário do Castelo do Chão do Trigo, no Peral.

3.1. Pré-História Antiga

Foi a partir dos anos 70 do séc. XX que se descobriram, em Vila Velha de Ródão, os mais antigos vestígios da presença humana (Paleolítico) nesta região, em jazidas de primeira importância como Vilas Ruivas, Foz do Enxarrique e Monte Famaco (Raposo, 1987a). A existência de margens baixas, com fácil acesso a uma grande massa de água permanente (o

rio Tejo) para homens e animais, proporcionado pelas bacias tectónicas de Ródão e do Arneiro, e a elevada quantidade de matéria-prima (quartzito) para produção de ferramentas, tanto nas cascalheiras da escadaria de terraços fluviais (Cunha *et al.*, 2008), como nos depósitos de vertente da serra das Talhadas, podem justificar a densidade de vestígios que aqui ainda se conservam, a montante e a jusante das Portas de Ródão (Raposo, 1987b; Almeida, 2012).

É plausível que o território vizinho, hoje integrado no município de Proença-a-Nova, tivesse sido percorrido por grupos humanos no Paleolítico, embora verificando-se uma menor representação de formações geológicas fluviais, com matéria-prima em quantidade, e condições morfológicas, e de proximidade de água, favoráveis a estacionamento, tal como se verificam em Vila Velha de Ródão. Contudo, não haveria falta de matéria-prima nos depósitos de vertente da serra das Talhadas, que também terá servido como abundante reservatório natural de água, e nos terraços do rio Ocreza.

Por coincidência, a realização de prospecções nas formações cenozóicas do rio Ocreza, da ribeira da Pracana e da ribeira do Alvito, visando a identificação de vestígios de ocupação da Pré-História Recente, revelaram, com a colaboração do arqueólogo Nelson Almeida, os primeiros vestígios de uma presença humana remota, balizada no Paleolítico Médio ou Inferior, com mais de 100.000 anos, consistindo em achados dispersos de indústria lítica em quartzito, nas margens do Ocreza e da Pracana.

Estes vestígios da presença de grupo de caçadores-recolectores ocorrem predominantemente em terraços fluviais, os quais, no caso do rio Ocreza, foram sistematicamente desmontados para a exploração de ouro aluvionar, desde a época romana, eliminando, ao mesmo tempo, os níveis arqueológicos com ocupação pré-histórica. A romanização do território pode ter destruído “as memórias” de tal presença antiga pelo menos nas margens dos principais cursos de água que marginam Proença-a-Nova. Contudo, não se exclui a possibilidade de existirem sítios arqueológicos paleolíticos nas proximidades dos depósitos de vertente da Serra das Talhadas, conservados sob espessas massas

de sedimentos resultantes da erosão daqueles depósitos holocénicos.

3.2. Pré-história Recente e Proto-História

Admite-se que tenha sido atingida uma ocupação plena do território de Proença-a-Nova com a consolidação do modo de vida agro-pastoril, pelo menos a partir do 4º/3º milénio a.C. São indicadores desse amplo uso, e marcação do território, a distribuição de sepulturas monticulares (Caninas, 2012), parte das quais megalíticas (*antas*), desde o planalto até à serra das Corgas (Fig. 2B), a presença de rochas gravadas nos limites do território, no Ocreza (Gomes, 2010; Oosterbeek *et al.*, 2012; Henriques *et al.*, 2013), na Pracana (Monteiro & Gomes, 1977) e na serra das Corgas (Fig. 2D) e, cumulativamente, a ocorrência de pintura rupestre esquemática na serra das Talhadas (Henriques *et al.*, 2011a).

As *antas* representam as mais antigas arquiteturas conservadas neste território e, atendendo à sua dispersão e quantidade, podem considerar-se os vestígios mais expressivos da ocupação deste durante a Pré-História Recente. Porém, estão ainda por identificar os sítios de *habitat* coevos daquelas estruturas funerárias, situação que temos vindo a atribuir ao desaparecimento, por erosão, das *mesas* e plataformas detriticas cenozóicas, com posições topográficas culminantes. Essas formações geológicas estão bem representadas no concelho de Vila Velha de Ródão (Formação de Cabeço do Infante, Formação de Falagueira e terraços fluviais) nelas se conservando abundantes vestígios de assentamentos de tipo residencial (Cardoso *et al.*, 1998; Soares, 1998; Henriques *et al.*, 2008).

O estudo das sepulturas megalíticas, que representam uma boa aproximação à ocupação do território naquela época, tem sido desenvolvido, desde há vários anos, ao nível da prospecção de campo. A partir de 2012, esse conhecimento foi aprofundado, como já referido, com as escavações arqueológicas em três sepulturas megalíticas (Cão do Ribeiro, Vale de Alvito e Cabeço da Anta), relativamente próximas entre si e que poderiam estar relacionadas com um mesmo *habitat*, que situamos hipoteticamente no planalto que fica entre o aeródromo das Moitas e as povoações actuais.



Fig. 3 - Sepulturas megalíticas investigadas no âmbito do Campo Arqueológico de Proença-a-Nova. Cão do Ribeiro: (A) antes da escavação, (B) após reconstrução parcial. Vale de Alvito: (C) no início da escavação, (D) no final da escavação da câmara funerária. Cabeço da Anta: (E) vista geral, (F) fase de escavação da câmara funerária.

No domínio da prospecção, foi concedida prioridade ao reconhecimento dos 95 monumentos do inventário dos arqueólogos alemães (Leisner, 1998). Até 2015, foram visitados 84 (88%) locais indicados naquela cartografia, embora a prospecção se tenha alargado às áreas envolventes dessas posições de modo a compensar erros de localização. Dos locais visitados, apenas se encontraram 16 antas ou vestígios delas (17% do total), o que significa um insucesso em 68 posições (71%). De acordo com as evidências do terreno e a nossa experiência no reconhecimento deste tipo de ocorrências arqueológicas, julgamos não terem existido antas na maior parte das 68 posições onde não encontrámos evidências arqueológicas. Sem pôr em causa a competência e o rigor dos arqueólogos alemães, entendemos que a listagem de 95 antas e a respectiva cartografia devem ser qualificadas como possíveis apontamentos para confirmação futura, tarefa que não foi concluída, nem à época nem aquando da edição póstuma (Leisner, 1998). Exceptuam-se desta qualificação os cinco sítios (Covão do Ribeiro, Vale de Alvite, Moita da Galinha, Chã das Vargens e Portela da Lameira) que foram efectivamente observados por Georg e Vera Leisner, de que nos legaram plantas e que pudemos reencontrar.

As escavações executadas no Cão do Ribeiro e em curso no Vale de Alvito e no Cabeço da Anta têm fornecido resultados, preliminares, com muito interesse para o conhecimento das técnicas e materiais utilizados na construção daquelas arquitecturas funerárias de expressão europeia. Estes três monumentos têm envergaduras muito diferenciadas (entre 16 m e 38 m de diâmetro), diferentes proeminências no terreno (o Cabeço da Anta, talvez o maior monumento da região, é o mais destacado) e diferentes estados de conservação (o maior é o melhor conservado). Apesar da variabilidade volumétrica, os três monumentos parecem corresponder a um mesmo padrão construtivo que integra diferentes subestruturas ortostáticas em rochas metassedimentares de origem local e argila como material predominante na formação das mamoas, característica observada por Georg e Vera Leisner aquando da sua passagem por esta região (Leisner & Leisner, 1951: 32).

A distribuição das manifestações gráficas sobre suportes rochosos, tanto na forma de pintura como de gravura, com cronologias que vão globalmente do 4º ao 1º milénio a. C., são outro indicador importante de apropriação deste território, desde as margens dos principais rios até às encostas das serras.

As mais antigas podem corresponder aos casos de pintura esquemática que identificámos em dois abrigos da serra das Talhadas, denominados Chão do Galego e Almourão (Henriques *et al.*, 2011a). O primeiro está representado por cinco barras verticais, pintadas a vermelho (Fig. 5 - C e D) sobre parede oblíqua, reentrante, situada perto da Buraca da Moura (de Chão de Galego) e em posição subjacente a um recinto muralhado monumental. Do local tem-se um vasto domínio sobre a paisagem, para sudoeste. O outro local, uma cavidade rochosa de difícil acesso, virada a leste, mas com um horizonte mais fechado do que o anterior, fica na encosta da garganta do Almourão, sobre o rio Ocreza. Contém um conjunto gráfico mais numeroso (Fig. 5 - A e B) mas de reduzida diversidade temática, circunscrita a barras e pontos (ou digitações ligeiramente arrastadas), de cor vermelha. Estes dois locais aproximam-se do padrão de localização de outros conjuntos gráficos equivalentes de Portugal e de Espanha. Mas os resultados são escassos e estão ainda por explicar as razões dessa baixa representatividade na extensa crista quartzítica da serra das Talhadas, embora se tenham aventado, entre outras razões, problemas de conservação, invisibilidade sob *filmes negros* ou a sua ausência *ab initio* por efeito de substituição pelo complexo gráfico do rio Tejo.

As gravuras desse complexo gráfico (Gomes, 2010), que se concentra na fronteira fluvial entre Vila Velha de Ródão e Nisa, estão também representadas no baixo Ocreza (Oosterbeek *et al.*, 2012), embora possam ter uma distribuição mais alargada, como sugerem as informações obtidas acerca da presença de outros conjuntos na fronteira entre Proença-a-Nova e Ródão (Henriques *et al.*, 2013), que não puderam ser validadas por se encontrarem ocultas pelo assoreamento da albufeira da Pracana, como é o caso de um local denominado Pego do Vale das Cornas.

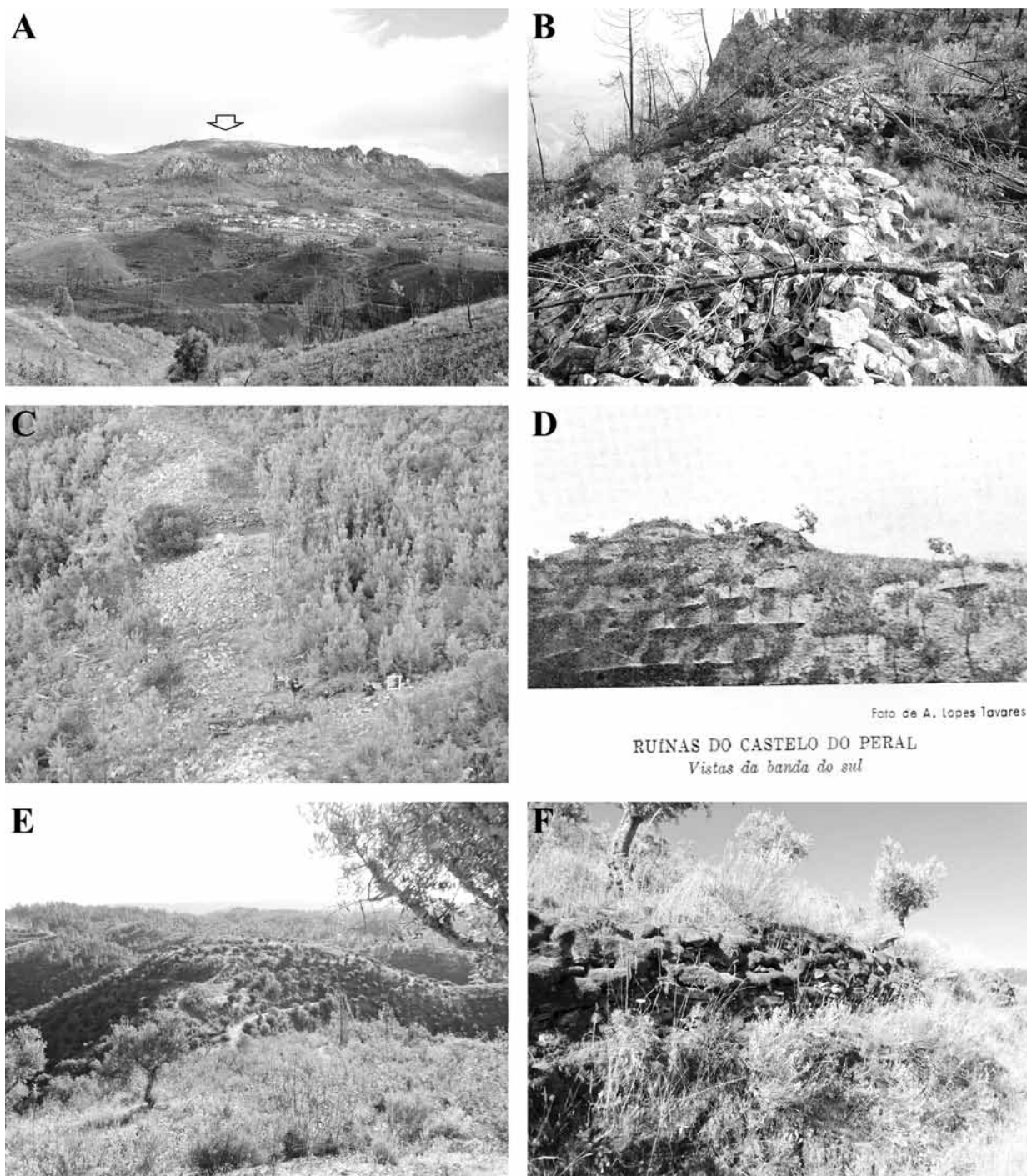


Fig. 4 - Recintos murlhados. Serra do Chão de Galego: (A) vista panorâmica do sítio, (B) trecho de muralha. Castelo do Chão do Trigo: (C) vista do local das sondagens arqueológicas executadas em 2015 na “muralha” norte (D) vista publicada pelo General João de Almeida (1945), (E) vista actual do sítio arqueológico tomada de sudoeste. (F) trecho de muralha voltada a noroeste.

Aparentemente de idade tardia será o monótono conjunto de segmentos incisos que figuram na Pedra das Letras, situada nas cabeceiras da ribeira do Meirão Frio, junto de uma via antiga que ligava Proença-a-Nova à Sertã passando por Cimadas Cimeiras. A primeira notícia desta ocorrência de que temos conhecimento, cita a presença de quatro linhas de “traços simples ou em grupos” e de “alguns caracteres ibéricos” (Louro, 1939, 14). De facto (Henriques & Caninas, 2009), o painel subhorizontal, de rocha metassedimentar, conserva quatro sequências paralelas de incisões lineares finas ou fusiformes, paralelas ou formando ângulos entre si, que se assemelham à paginação de um texto (Fig. 5 - E e F). A estes motivos é habitual atribuir uma cronologia entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro (Baptista, 1983; Batata, 2006) mas, recentemente, foi sustentado que a sua antiguidade pode remontar ao Paleolítico Superior (Sanches & Teixeira, 2014).

Os casos de povoamento que se conhecem no território de Proença-a-Nova, mais tardios, atribuíveis ao 2º e 1º milénios a.C. (Fig. 2 - C), correspondem a espaços muralhados subordinados a dois modelos de assentamento topográfico bem diferenciados e com uma expressão regional muito para além do espaço deste município. Um desses modelos é ilustrado com sítios muralhados, aparentemente residenciais, mais antigos (Bronze Final), situados em locais elevados, nos topos de cristas quartzíticas ou de *inselbergs* graníticos, e estão bem representados na região (Vilaça, 1995). O outro modelo corresponde a ocupações mais recentes (Idade do Ferro), circunscritas a pequenos cabeços afundados no maciço antigo, envolvidos por meandros fluviais, de acesso difícil e também circundados por muralhas. Este modelo repete-se na bacia do Tejo, tanto no interior de Portugal como na Alta Extremadura espanhola (Martín Bravo, 2009) e pode corresponder a uma mesma realidade cultural do I milénio a.C., em território de transição entre povos indígenas, por vezes com vestígios de romanização. No território português está vulgarmente associado aos topónimos *Castelo Velho*, *Castelejo* e *Castelos*.

Exemplo do primeiro modelo é o recinto murado do Chão de Galego (Fig. 4 - A, B e C), situado no ponto mais elevado da Serra das Talhadas, sobranceiro à povoação que lhe dá nome. Entre duas grandes cristas de rocha quartzítica, localizadas nos flancos nascente e poente deste troço da serra, existem duas estruturas lineares que hoje se apresentam sob a forma de aterros, com centenas de metros de extensão cada uma, e que, em conjunto com as cristas, delimitam um quadrilátero irregular, com mais de 2000 m de perímetro e 20 hectares de superfície cercada. Este sítio é provisoriamente atribuído à etapa final da Idade do Bronze, podendo ter sido um local de povoamento com carácter temporário em época de grande instabilidade social, política e económica provocada pelo estabelecimento do sistema colonial fenício nas costas do quadrante sudoeste da Península Ibérica. A hipótese de ter funcionado como refúgio encontra apoio na tradição oral que refere “uma grande muralha onde os mouros se defendiam quando se viam apertados” e segundo outras opiniões “era um muro mas também uma estrada ao lado do muro” (Henriques *et al.*, 1999). De acordo com essa hipótese, poderíamos perspectivar que os aglomerados populacionais permanentes associados a este refúgio estariam nas *achadas*, onde hoje se encontram as aldeias de Chão de Galego e de Montes da Senhora. Os trabalhos de escavação iniciados em 2015 ainda não permitiram esclarecer a funcionalidade deste espaço monumental que pela dimensão e topografia se equipara a outros existentes nas serras calcárias de Sicó e Alvaiázere, situadas mais a ocidente (Félix, 2014).

Exemplo do outro modelo de povoamento é o Castelo do Chão do Trigo (Fig. 4 - D, E e F), também citado como Cerca do Castelo na cartografia militar. Situa-se num apertado meandro da ribeira de Esteves, perto da afluência desta com o rio Ocreza, no topo de um cabeço onde se vislumbram restos de muralha sobrepostos por muro moderno que forma circuito contínuo a oeste, a norte e a leste. No lado de mais fácil acesso (sudoeste), observam-se três níveis de socacos, um dos quais com aterro de 4m de altura, que devem corresponder ao antigo povoado.

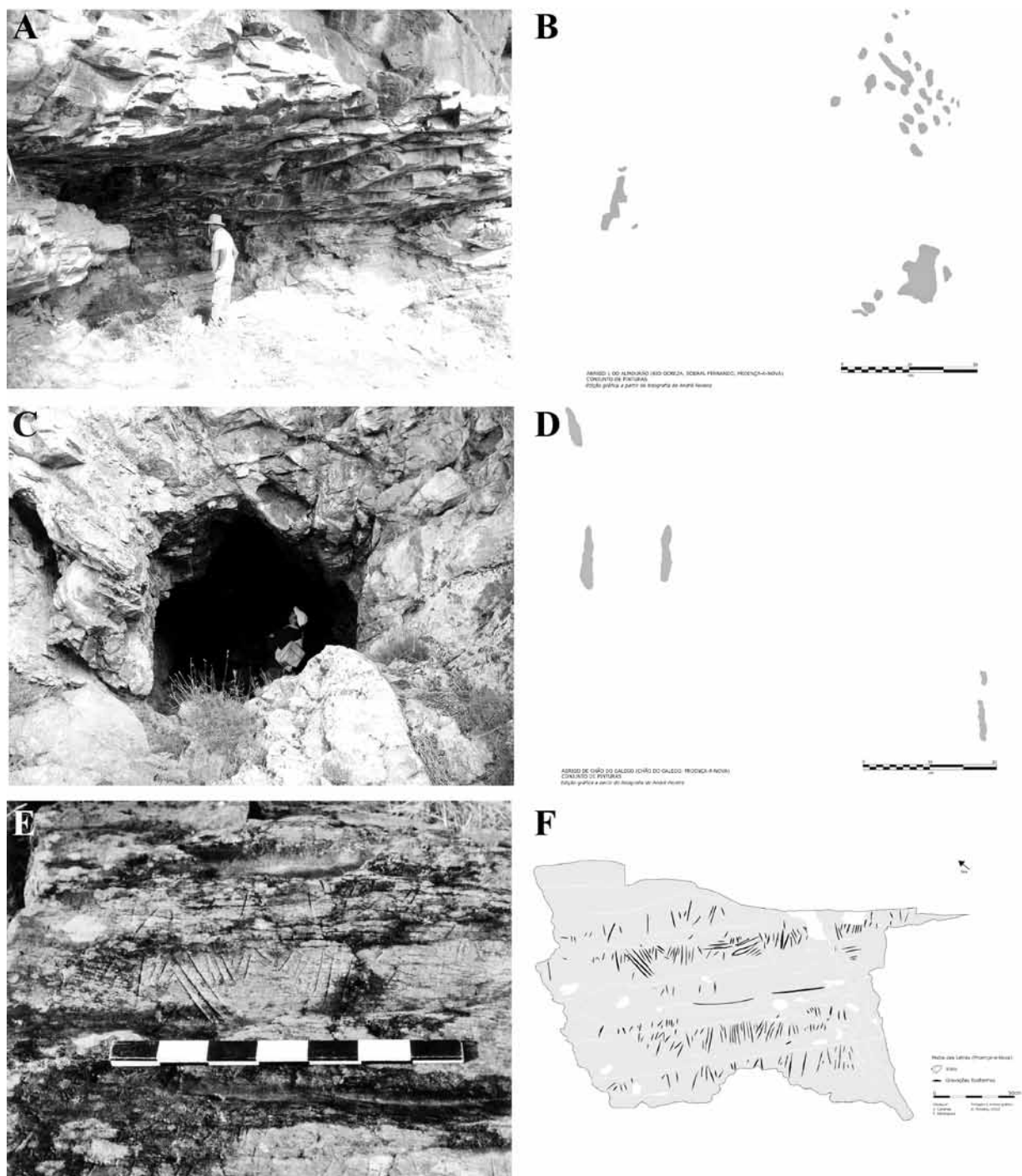


Fig. 5 - Arte rupestre. Abrigo das Portas do Almourão: (A) vista do abrigo, (B) painel com pintura esquemática. Chão de Galego: (C) entrada da Buraca da Moura, (D) painel com pinturas situado nas proximidades da Buraca da Moura. Pedras das Letras: (E) aspecto de um trecho com gravuras lineares incisadas, (F) levantamento do conjunto gráfico segundo método convencional.

No interior do recinto muralhado ocorrem mós rotativas em granito, cerâmica, manual e a torno e escórias de fundição. Os materiais estudados por A. Dias Diogo e J. Catarino têm “características de níveis ocupacionais indígenas da Idade do Ferro Final, podendo no seu espectro mais lato, ser contemporâneos dos finais da república e inícios do período imperial. Estes materiais de uso comum não nos apresentam quaisquer indícios de aculturação com artefactos de fabrico romano” (Diogo & Catarino, 2006). É avançada a hipótese de se relacionar com a exploração dos depósitos auríferos do rio Ocreza (Henriques & Caninas, 2013).

Nas *Memórias Paroquiais* de 1758 está identificado como “hua antiga povoação (...) que se dis ser dos romanos, era murado com duas portas de que ainda há vestígios e (...) sempre na cultura das terras dentro e fora se acham algumas moedas de prata e todas elas são dos romanos, e haverá quarenta anos em pouca distancia da dita povoação se acharão dentro de huma pedra bitumada trezentas moedas de prata (...) e muitas erão feitas no anno em que Christo nasceo e outras antes e outras depois.” Este é porventura o sítio com maior número de citações de arqueólogos, tanto os que focam o povoado (Almeida, 1945; Batata, 2006, além dos já citados) como os que enfatizam o suposto tesouro de denários imperiais (Hipólito, 1961; Alarcão, 1988a), um hipotético indício de uma perduração no uso do sítio.

3.3. Da Antiguidade Clássica à Alta Idade Média

A romanização no município de Proença-a-Nova (Henriques *et al.*, 1999; Batata, 2006), consubstanciada por alguns achados isolados, por manchas de ocupação e por vestígios de mineração aurífera a céu aberto, pode ser caracterizada, em termos gerais, como pouco expressiva ou discreta e essa qualificação resulta, certamente, de um, até hoje, reduzido investimento em pesquisa dedicada, ao nível do inventário e do estudo de sítios.

Dos achados isolados destacamos, mais uma vez, o tesouro de 300 denários imperiais (Hipólito, 1961; Alarcão, 1988a, 77), encontrado no sítio do Castelo do Chão do Trigo, ou perto dele, no início do séc. XVIII, mas do qual se deve dizer que não foi visto directa-

mente por nenhum especialista neste tipo de antiguidades, a inscrição funerária, sobre laje de xisto (Fig. 6 - D), do séc. I d.C., dedicada a *Corrontato* (Saa, 1960: 230; Alarcão, 1988a: 77; Batata, 2006: 67), descoberta no sítio de Bugalinho, entre Labrunhal Fundeiro e Relva da Loiça (informação do seu actual proprietário, Dr. Daniel Catarino), e uma sepultura revestida com tégulas de onde foi retirado um anel de ouro com pedra gravada, um frasco e um balsamário, ambos em vidro, no sítio das Antas, em Maxiais (Proença Júnior, 1910; Simões, 1986; Alarcão, 1998a: 77).

Os vestígios de ocupação residencial no território consubstanciam-se pela ocorrência, à superfície, de fragmentos de cerâmica de uso doméstico e de construção, acompanhados por concentração de materiais de construção, nomeadamente de natureza pétreo. Os locais já identificados com essas características são Antas, Lameirinho, Olival Cardoso, Vale Motrinas, Viampada, entre outros, e ocupam pequenas áreas, condizentes com comunidades agrícolas ou mineiras. De momento, não dispomos de dados que nos permitam perspectivar a perduração destes sítios até épocas tardias, nomeadamente até à Alta Idade Média. Temos, contudo, escassos registos de sepulturas escavadas na rocha (uma observada em Bairrada e informação do aparecimento de outras junto da igreja matriz de Proença-a-Nova, nos anos 50, aquando de obras de saneamento e arranjo daquele espaço), comparativamente com a sua abundância noutras áreas da Beira Baixa (Chambino *et al.*, 2015).

Não se conhece nenhuma via principal a passar neste território durante a Época Romana, mas são indicados traçados hipotéticos para duas vias secundárias com um andamento paralelo ao rio Tejo (Alarcão, 1988c: 93; Batata, 2006: 257; Pereira, 1970: 386-387), uma das quais, a mais setentrional, com um traçado que chegou até ao presente, conforme realçado por Jorge de Alarcão (Alarcão, 2013: 17-19): “as vias principais da região seriam, no séc. XII, as que os Romanos haviam traçado. Algumas seguiriam caminhos ainda mais antigos, proto-históricos (Vilaça *et al.*, 1998). Uma dessas vias, implantada mais a sul, cruza todo o concelho de Ródão, atravessa o rio

Ocreza e mais a oeste, depois de passar o território proencense, transpõe a ribeira da Pracana através da Ponte dos Envendos (Fig. 6 - E), obra de arte considerada de fabrico romano (Pereira, 1970: 375-376; Alarcão, 1988b: 145). A outra via, com percurso mais

setentrional, teria a trajectória aproximada das actuais EN 233 e EN 241-1, passando na Ponte do Alvito, em Sobreira Formosa, em Vale da Carreira e em Mesão Frio (topónimo que deriva de *mansio*), já no concelho de Mação (Batata, 2006: 257).

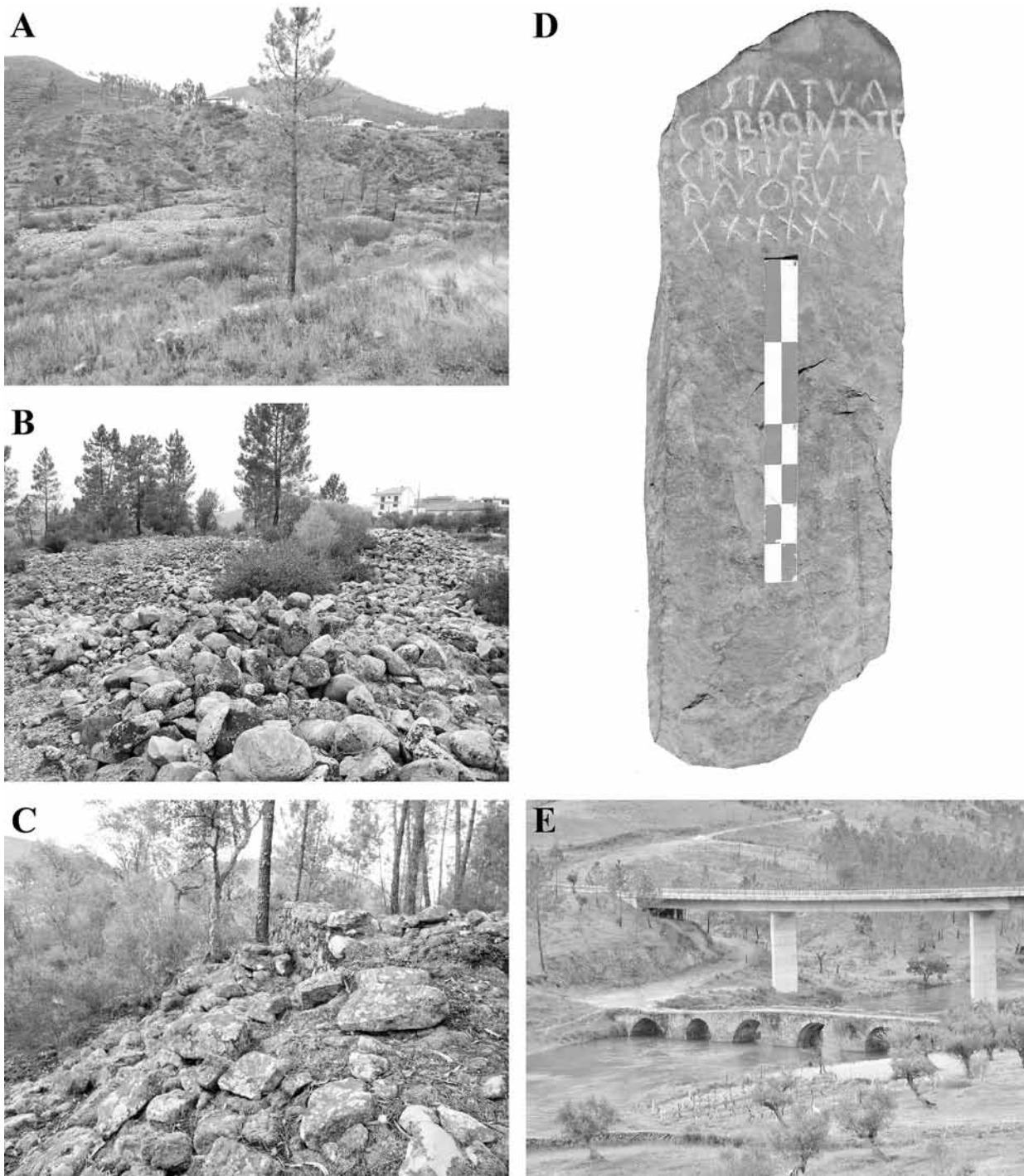


Fig. 6 - Ocorrências atribuíveis à época romana. (A) conheiras e lagoa do Olival da Barca. **(B)** vista aproximada de conheira no Olival da Barca. **(C)** conheira e habitat da C'la Velha. **(D)** Inscrição funerária do Labrunhal Fundeiro, fotografia de A. M. Silva com autorização dos seu actual proprietário, Dr. Daniel Catarino. **(E)** Ponte sobre a ribeira da Pracana (fotografia de Isabel Gaspar).

A área mineira mais antiga identificada no concelho de Proença-a-Nova, de exploração a céu aberto, situa-se no rio Ocreza (Fig. 6 - A a C), a montante da albufeira da Pracana, havendo ainda raros vestígios dessa actividade na margem direita da ribeira do Alvito. A exploração de ouro aluvionar ao longo destes cursos de água consistiu no desmonte de terraços fluviais. A área mais expressiva e observável na actualidade localiza-se entre Sobral Fernando e a ponte do Vale da Mua. Estas ocorrências são abundantes noutros cursos de água que percorrem o sul da Beira, nomeadamente nos rios Tejo, Ponsul, Aravil e Erges (Henriques *et al.*, 2011) e enquadram-se numa actividade extractiva de grande dimensão, de tal forma importante que foi citada por historiadores clássicos. A sua expressão terá sido menor nas terras de Proença, aparentemente, em consequência da menor dimensão das jazidas secundárias ali existentes em meio fluvial.

3.4. Época Portuguesa

A actual rede de povoamento, que pode resultar da consolidação da soberania de Portugal como país independente, não excluindo uma origem mais antiga para muitas povoações, é o melhor indicador da matriz de ocupação deste território, na forma de múltiplas e diversificadas construções com potencial interesse arqueológico, das habitações aos templos, às fontes, às carreiras mais antigas e respectivas pontes, aos engenhos hidráulicos e eólicos, estes últimos numerosos neste município. A avaliação global deste património vernacular, complementado com pesquisa documental, está ainda por fazer.

O desconhecimento de sítios arqueológicos de tipo residencial, pelo menos os de cronologia mais antiga (medieval), pode resultar do seu ocultamento e parcial destruição sob as povoações actuais, e, cumulativamente, pela ausência de uma prática de acompanhamento arqueológico em meio urbano de obras públicas e privadas, a qual não deveria ficar restringida às cidades. Considera-se, por isso, muito pertinente reclamar a correcção dessa prática pela possibilidade de se obterem, desse modo, os dados omissos no registo arqueológico da evolução do povoamento deste território.

As ordens militares, e em particular as dos Hospitalários e Templários, desempenharam papel relevante na ocupação e ordenamento deste território, também evidenciado na instituição dos topónimos Chão d'Ordem, Casal d'Ordem e Lameira d'Ordem (Catharino, 1933: 22). Curiosamente, e ao contrário do que sucede no vizinho concelho de Nisa, não se conhecem marcos de termo ilustrativos dos limites daqueles senhorios medievais, nem se conhecem estruturas defensivas ou de vigilância emblemáticas, atendendo às dúvidas em situar em Chão de Galego a chamada torre Ardula, Cardula (Alarcão, 2013: 44) ou Dárdula (Curado, 2004: 83), citada como limite da Herdade da Guidintesta.

Ao invés, o município de Proença-a-Nova possui uma rede de construções militares modernas-contemporâneas (Fig. 2-F e Fig. 7) de elevado valor patrimonial, histórico e arqueológico, atendendo à sua relevância na defesa de Portugal contra as invasões que utilizaram a rota da Beira Baixa. Referimo-nos ao conjunto de estruturas que temos vindo a denominar Linha Defensiva das Talhadas-Moradal (Henriques *et al.*, 2002, 2005; Monteiro, 2012, 2013).

Este dispositivo militar foi criado no âmbito da Guerra dos Sete Anos, em 1762, por ordem do Marechal-General Conde de Schaumbourg-Lippe, estratega contratado para comandar as forças portuguesas contra o invasor espanhol. Aquele militar estabeleceu o quartel-general em Abrantes (considerada uma porta de passagem para Lisboa no corredor da Beira Baixa) e decidiu fortificar as serras das Talhadas e do Moradal, para onde se dirigia o invasor, utilizando os pontos dominantes daquelas serras. Criou, assim, uma linha defensiva com aproximadamente 50 km de extensão, entre o rio Tejo e o rio Zêzere, constituída por diversos tipos de redutos, aproveitando as formações naturais do terreno e os rios para cerrar as principais vias e os locais de passagem críticos.

Todavia, esta é apenas a primeira linha de um sistema defensivo muito mais complexo, o Sistema Defensivo de Abrantes (Monteiro, 2013), que integra uma segunda e uma terceira linhas, todas elas traçadas em torno de Abrantes, sendo apoiadas por redutos nas

margens opostas de ambos os rios e ao longo da principal via de retirada entre a primeira linha e Abrantes. A intenção não seria a de dar batalha, mas sim travar ou atrasar a progressão do invasor ou, em último

recurso, permitir uma retirada em segurança. No séc. XVIII, o sistema funcionou bem, tendo o agressor apenas conseguido passar a primeira linha, onde se deram alguns confrontos.

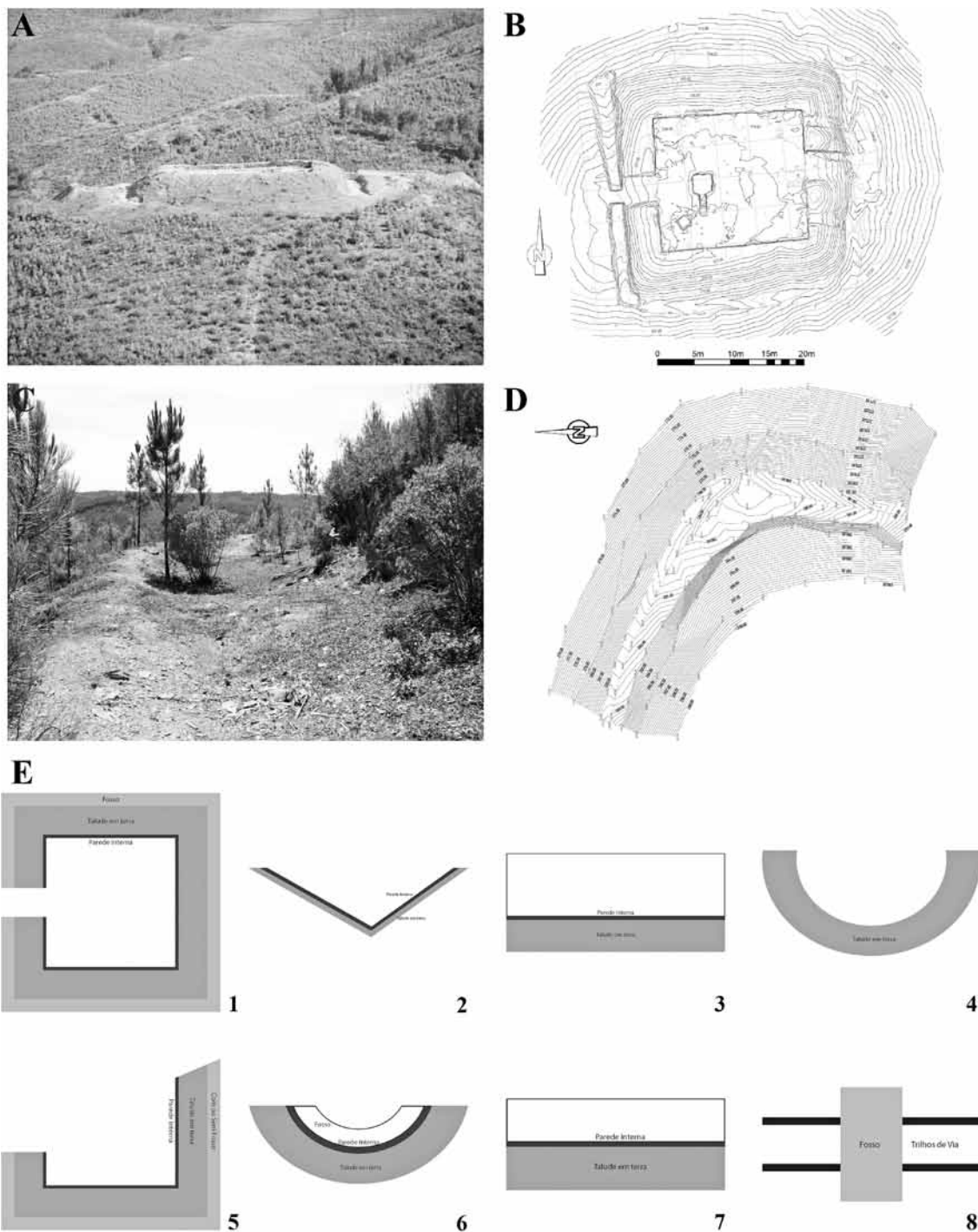


Fig. 7 - Estruturas militares da Linha Defensiva das Talhadas - Muradal, (A) vista geral do forte das Batarias no final da escavação. (B) levantamento topográfico do forte no final da escavação. (C) vista do topo da bateria das Batarias, sobre a Ponte do Alvito. (D) levantamento topográfico da mesma bateria. (E) tipologias (seg. MONTEIRO, 2012): forte (1); bateria em ângulo (2); bateria linear (3); bateria semi-circular (4); trincheira fortificada (5); trincheira em fosso (6); trincheira linear (7); corte de via (8).

O Sistema Defensivo de Abrantes foi reutilizado e reorganizado em 1801, no âmbito da Guerra das Laranjas, tendo sido construídos novos redutos. Em 1796-97 são feitos reconhecimentos das estruturas existentes e outras podem ter sido construídas nesses anos. Em 1810, ainda no âmbito da Guerra Peninsular, é feito um novo reconhecimento das linhas, tendo como objectivo reestruturá-las e reactivá-las, possivelmente no sentido de as utilizar em articulação com as Linhas de Torres Vedras, o que parece nunca ter chegado a acontecer.

Até ao momento, já foram identificadas em campo cerca de 30 estruturas, bem diferenciadas dos pontos de vista tipológico e funcional (Fig. 7 - E), havendo ainda muitas outras por localizar. Em Proença-a-Nova executou-se a escavação integral do forte das Batarias 1 (Fig. 7 - A e B), construído em 1762 e reestruturado em 1801. Está sobranceiro à actual ponte do Alvito, dominando o horizonte na direcção da cidade de Castelo Branco, e, ao estar integrado num dispositivo defensivo mais complexo, tinha por finalidade impedir a progressão de exércitos invasores pelo Colo da Catraia. No decurso da escavação desta construção quadrangular, com parede no lado interno, aterro no lado externo e um fosso circundante (Monteiro & Pereira, 2008), identificaram-se, no seu interior, duas estruturas negativas para armazenamento, com buracos de poste e canais de drenagem em redor, três canhoneiras com estruturas para posicionamento das bocas-de-fogo associadas, no aterro voltado a leste, além de espólio militar diversificado. Os trabalhos de escavação e de valorização deverão prosseguir noutras estruturas, nomeadamente numa bateria subjacente (Fig. 7 - C e D), em articulação com o projecto de um centro de interpretação.

4. Considerações finais

Em 2015, o inventário arqueológico elaborado pela AEAT relativo ao município de Proença-a-Nova atingiu 245 ocorrências de diversas épocas e tipologias. Este inventário, embora significativo em termos quantitativos, oferece uma representatividade muito assimétrica, dominada pelas sepulturas megalíticas e

pelas estruturas militares de idade moderna-contemporânea, em parte consequência da incidência da investigação naquelas realidades. Permanecem lacunas de conhecimento acerca de outras épocas e de outros tipos de sítios arqueológicos que pretendemos ultrapassar com a continuação dos reconhecimentos em campo e da investigação aplicada de sítios.

O estudo desta realidade e a valorização de sítios arqueológicos para usufruto público, educativo, lúdico e turístico, na perspectiva de um desenvolvimento sustentável com a economia local, tem merecido apoio entusiástico do executivo municipal de Proença-a-Nova desde 2012, através do Campo Arqueológico (Internacional) de Proença-a-Nova, organizado com a AEAT e a colaboração de um já extenso conjunto de parceiros, nomeadamente universidades (Évora, Coimbra, Alcalá de Henares, Porto e Algarve), centros de investigação (Laboratório Hércules, Centro de História de Arte e Investigação Artística e Instituto de Ciências da Terra, da Universidade de Évora, Centro de Pré-História, do Instituto Politécnico de Tomar), empresas (EMERITA, Superfície, EDF, Procesl, TPF, TTerra e VISA Consultores), o Geopark Naturtejo, o IPDJ e o Exército Português.



Fig. 8 - Campo Arqueológico de Proença-a-Nova: cartazes das campanhas de 2012, 2013, 2014 e 2015. Percursos pedestres: A História na Paisagem; Pela Linha de Defesa.

Bibliografia

- ALARCÃO, Jorge de (1988a) - *Roman Portugal*. Aris & Philips. Warminster. 2 (1 - Porto, Bragança & Viseu).
- ALARCÃO, Jorge de (1988b) - *Roman Portugal*. Aris & Philips. Warminster. 2 (3 - Évora, Faro & Lagos).
- ALARCÃO, Jorge (1988) - *O Domínio Romano em Portugal*. Forum da História. Publicações Europa América. Lisboa, p. 244.
- ALARCÃO, Jorge de (2013) - *Beira Baixa: terra tomada sem guerra*. CEAUCP. Coimbra.
- ALMEIDA, Nelson (2012) - O Paleolítico Médio do complexo pré-histórico do Arneiro – Santana, Nisa. Dez anos de investigação. *Açaфа on line*. Vila Velha de Ródão. 5.
- ANTUNES, Luís Filipe Ribeiro (2008) - Francisco Tavares Proença Júnior: um arqueólogo «moderno» na Pré-História da Arqueologia Portuguesa? *Arkeos. Perspectivas em Diálogo*. CEIPHAR, Instituto Politécnico de Tomar. Tomar. 22, p. 39-172.
- BAPTISTA, António Martinho (1983) - O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa). *Arqueologia*. Porto. 8, p. 57-69.
- BATATA, Carlos (2006) - Idade do Ferro e Romanização entre os Rios Zêzere, Tejo e Ocreza. *Trabalhos de Arqueologia*. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa. 46.
- CANCELA D'ABREU, Alexandre; CORREIA, Teresa Pinto; OLIVEIRA, Rosário (2004) - Contributos para a identificação e caracterização da paisagem em Portugal Continental. Direcção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano e Universidade de Évora. Lisboa. 5 vols.
- CANINAS, João Carlos Pires (2012) - *As construções funerárias da Pré-História recente na região de Castelo Branco no contexto da carta arqueológica regional*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- CARDOSO, João Luís; SILVA, Carlos Tavares da; CANINAS, João Carlos; HENRIQUES, Francisco (1998) - A Ocupação Neolítica do Cabeço da Velha (Vila Velha de Ródão). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Associação para o Estudo Arqueológico da Bacia do Mondego. Edições Colibri. Lisboa. 3-4, p. 61-81.
- CARVALHO, D. (2011) - Inventariação da geodiversidade da região das Portas do Almourão (Vila Velha de Ródão e Proença-a-Nova, Geopark Naturtejo da Meseta Meridional): contribuição para a sua inclusão na Rede Nacional de Áreas Protegidas. *Açaфа on line*. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão. 4.
- CASTELLO MELHOR, Marquês de; CARDOSO, Manoel Jozé Dias (1976) - Sobre o Giro que por ordem do Ill.mo e Ex.mo S.or Tenente General António Jozé de Miranda Henriques fizeram os Ajudantes de Campo Marquez de Castello Melhor e Manoel Jozé Dias Cardoso, pelas Linhas de posição de Talhadas, Águas Quentes e S. Domingos. *Boletim do Arquivo Histórico Militar*. Lisboa. 46, p. 445-456.
- CATHARINO, Padre Manuel Alves (1933) - *Concelho de Proença-a-Nova (monografia)*. Câmara Municipal de Proença-a-Nova. Proença-a-Nova (edição reproduzida da edição original).
- CHAMBINO, Mário; HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João (2015) - Sepulturas escavadas na rocha da freguesia de Rosmaninhal (Idanha-a-Nova). *Actas do II Congresso Internacional sobre Arqueologia da Transição - O mundo funerário*. CHAIA. Évora, p. 273-288.
- COIMBRA, Fernando Augusto (2013) - RUPTEJO Arqueologia rupestre da bacia do Tejo. *Arkeos*. Tomar. 35, 165 p.
- CUNHA, P. P.; MARTINS, A. A.; HUOT, S.; MURRAY, A.; RAPOSO, L. (2008) - Dating the Tejo river lower terraces in the Ródão area (Portugal) to assess the role of tectonics and uplift. *Geomorphology*. 102(1), p. 43-54.
- CURADO, Fernando Patrício (2004) - A Martim Calvo e aos povoadores do Fundão. *Ebvrobriga*. Museu Arqueológico Municipal José Monteiro do Fundão. Fundão. 2, p. 76-115.
- DIOGO, A. M. Dias & CATARINO, João (2006) - Cerâmica da Idade do Ferro do castro da Cerca do Castelo, Proença-a-Nova. *Almadan*. Centro de Arqueologia de Almada. 14 (2ª serie), p. 153-154.
- FÉLIX, Paulo (2014) - Para uma aproximação às dinâmicas de transformação das sociedades da Idade do Bronze entre o Zêzere e o Atlântico (dos início do II ao início do I milénio a.n.e.). In A Idade do Bronze em Portugal: os dados e os problemas. *Antrope*. Centro de Pré-História do Instituto Politécnico de Tomar. Tomar. 1, p. 203-249.
- FERREIRA, Ana Margarida, coord. (2004) - *Arqueologia: colecções de Francisco Tavares de Proença Júnior*. Instituto Português de Museus. Castelo Branco: 261 p.
- GOMES, Mário Varela (2010) - *Arte rupestre do vale do Tejo. Um ciclo artístico-cultural Pré e Proto-Histórico*. Dissertação de Doutoramento. Universidade Nova de Lisboa. Inédito.
- HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João (1980) - Contribuição para a carta arqueológica dos concelhos e Vila Velha de Ródão e Nisa (1). *Preservação*. Núcleo Regional de Investigação Arqueológica. Vila Velha de Ródão. 3, 67 p.
- HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João (1986) - Nova contribuição para a carta arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa (2). *Preservação*. Núcleo Regional de Investigação Arqueológica. Vila Velha de Ródão. 7.
- HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João (2009) - A Pedra das Letras: uma rocha com grafismos lineares (Proença-a-Nova). *Açaфа on line*. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão. 2.
- HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João Carlos (2013)

- Castelo do Chão do Trigo (São Pedro de Esteval, Proença-a-Nova). *Aspectos da romanização das terras beiras de entre o Tejo e o Douro*. Câmara Municipal de Celorico da Beira e ARA - Associação de Desenvolvimento Estudo e Defesa do Património da Beira Interior. Celorico da Beira, p. 30.

HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João; CARDOSO, João Luis (1999) - *Relatório dos Trabalhos de Cartografia Arqueológica nos Concelhos de Proença-a-Nova, Castelo Branco e Idanha-a-Nova em 1999*. Projecto ALTEJO – Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português. Associação de Estudo do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão.

HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João; CHAMBINO, Mário (2008) - Carta Arqueológica de Vila Velha de Ródão - uma leitura actualizada dos dados da Pré-História Recente. In P. Bueno-Ramirez, R. Barroso-Bermejo & R. de Balbín-Berhmann, (coords.) *Graphical markers and megalith builders in the International Tagus, Iberian Peninsula*. British Archaeological Reports. BAR International Series. Oxford. 1765, p. 79-88.

HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João; CORREIA, Fernando (2002) - As estruturas militares da Serra das Talhadas. As Invasões Peninsulares e a Região de Ródão - Proença. *Açafa*. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão. 5. p.43-71.

HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João; GOUVEIA, Jorge (2005) - Serra das Talhadas. Fortins e Baterias da Ponte do Alvito e da Ponte da Fróia. *Catálogo da Exposição 25 Sítios Arqueológicos da Beira Interior*. Associação de Desenvolvimento Estudo e Defesa do Património da Beira Interior (ARA) e Câmara Municipal de Trancoso. Trancoso, p. 44-45.

HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João Carlos; CHAMBINO, Mário; HENRIQUES, Fernando; ANTÓNIO, Telmo; SANTOS, Cézer; CANHA, Alexandre (2013) - Grafismos rupestres em afluentes da margem direita do Tejo, no distrito de Castelo Branco. Comunicação apresentada nas I Jornadas de Arte Pré-histórica do Sudoeste Europeu (Fundão, 23 e 24 de Abril de 2010). *Açafa on line*. Vila Velha de Ródão. 6, p. 66-112.

HENRIQUES, Francisco; CHAMBINO, Mário; CANINAS, João; PEREIRA, André; CARVALHO, Emanuel (2011a) Pinturas rupestres pré-históricas na Serra das Talhadas (Proença-a-Nova). Primeira notícia. *Açafa on line*. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão. 4.

HENRIQUES, Francisco; BATATA, Carlos; CHAMBINO, M.; CANINAS, J.; CUNHA Pedro (2011b) - Mineração aurífera antiga a céu aberto no centro e sul do distrito de Castelo Branco. Batata, C. (Ed.) *Actas do VI Simpósio Sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu*. Vila Velha de Ródão, p.215-246.

HENRIQUES, Francisco; GOUVEIA, Jorge; CANINAS, João (2001) - Contos populares e lendas dos Cortelhões e dos

Plingacheiros. *Açafa*. Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão. 4, p. 332.

HIPÓLITO, Mário de Castro (1961) - Dos tesouros de moedas romanas em Portugal. *Coninbriga*. Coimbra. 2/3, p. 1-166.

LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1956) *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel, Der Westen*. Deutsches Archäologisches Institut. Walter de Gruyter. Berlin.

LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1951) - *Antas do concelhos de Reguengos de Monsaraz*. Instituto para a Alta Cultura. Lisboa, p. 322.

LEISNER, Vera (1998) - *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel, der westen*. Deutsches Archäologisches Institut. Walter de Gruyter. Berlin, p. 162.

LOURO, Padre Henrique da Silva (1939) - *Monografia de Cardigos*. Cucujães.

MARTÍN BRAVO, Ana (2009) - Los castros de la cuenca extremeña del Tajo, bisagra entre Lusitanos e Vettones. In P. J. Sanabria Marcos (Ed): *Lusitanos e Vettones. Los pueblos prerromanos en la actual demarcación Beira Baixa -Alto Alentejo - Cáceres. Memorias*. Museu de Cáceres. Cáceres. 9, p. 147-160.

MONTEIRO, Jorge Pinho; GOMES, Mário Varela (1977) - Rocha com covinhas na ribeira do Pracana. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 9 (3ª série), p. 95-99.

MONTEIRO, Mário; PEREIRA, André (2008) - O forte das Batarrias sobre a Ribeira do Alvito (Proença-a-Nova). Análise preliminar da intervenção arqueológica. *Açafa on-line*. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão. 1, p.75.

MONTEIRO, Mário (2012) - A linha defensiva das Talhadas - Moradal: um ensaio sobre a tipologia das estruturas militares identificadas. *Açafa Online*. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão. 5.

MONTEIRO, Mário (2013) - A linha das Talhadas-Moradal e o sistema defensivo de Abrantes. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica e de pesquisa documental. *Açafa on-line*. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão. 6.

NETO DE CARVALHO, Carlos; RODRIGUES, Joana (2012) Património geológico de Proença-a-Nova: caracterização e gestão no âmbito do Geopark Naturtejo. *Açafa Online*. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão. 5.

OOSTERBEEK, Luiz; COLLADO GIRALDO, Hipólito; GARCÊS, Sara (2012) - Arqueologia rupestre da bacia do Tejo: RUPTEJO. *Arkeos, perspectivas em diálogo*. Tomar. 32, p. 133-173.

PEREIRA, Maria Amélia Horta (1970) - *Monumentos Históricos do Concelho de Mação*. Câmara Municipal de Mação, 610 p.

PROENÇA JÚNIOR, Francisco Tavares de (1909) - *Anta da Urgueira*. Typographia Leiriense. Leiria.

PROENÇA JÚNIOR, Francisco Tavares de (1910) - *Archeologia do Districto de Castello Branco. 1ª Contribuição para o seu estudo*. Typ. Leiriense. Leiria, 25 p.

RAPOSO, Luís (1987a) - Os mais antigos vestígios de ocupação humana paleolítica na região de Ródão. *Da Pré-História à História*. Editorial Delta. Lisboa, p.153-171.

RAPOSO, Luís (1987b) - A Ocupação Humana Paleolítica do Vale do Tejo, em Território Português. *Arqueologia no Vale do Tejo* catálogo de exposição do mesmo nome. Instituto Português do Património Cultural. Lisboa, p. 11 - 16.

SAA, M. (1960) - *As Grandes Vias da Lusitânia. O Itinerário de Antonino Pio*. Lisboa. 3.

SANCHES, Maria de Jesus; TEIXEIRA, Joana Castro de (2014) - O abrigo do Passadeiro, Palaçoulo (Miranda do Douro). Um caso de estudo de gravuras rupestres dos inícios do Holocénico no Nordeste de Portugal. *Portugália*. Porto. 35, p. 61-75.

SANTOS, Nuno Valdez dos Santos (1976) - A ocupação francesa de Junot segundo documentos existentes no Arquivo Histórico Militar. *Boletim do Arquivo Histórico Militar*. Lisboa. 46, p. 85-462.

SIMÕES, Maria Helena (1986) - Vidros Romanos do Museu de Castelo Branco. *Conimbriga*. Coimbra. 25, p. 143-152.

SOARES, Joaquina (1988) - O povoado da Charneca de Fratel e o Neolítico Final / Calcolítico da Região de Ródão-Nisa. Notícia preliminar. *Alto Tejo*. Núcleo Regional de Investigação Arqueológica. Vila Velha de Ródão. 2, p. 3-6.

VILAÇA, R. (1995) - *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze*. Trabalhos de Arqueologia. Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico. Lisboa. 9, 2 vols.

VILAÇA, Raquel; SANTOS, André; PORFÍRIO, Eduardo; MARQUES, João; CANAS, Nuno (1998) - Lugares e caminhos do mundo pré-romano na Beira Interior. *Cadernos de Geografia*. Coimbra. 17, p. 35-42.

VILHENA, Maria da Assunção (1995) - *Gentes da Beira-Baixa. Aspectos Etnográficos do Concelho de Proença-a-Nova*. Edições Colibri. Lisboa.

Anexos

Quadro 1 - Inventário de sítios arqueológicos e de património construído de Proença-a-Nova (fonte: AEAT)

Períodos Cronológicos	Tipo de Sítio	Topónimo	Nº	CNS
Paleolítico	Achado isolado	Olival da Barca	218	
Paleolítico	Achado isolado	Vale das Ferrarias 1	220	
Paleolítico	Achado isolado	Vale das Ferrarias 2	221	
Epipaleolítico - Idade do Bronze	Arte rupestre	Cabeço dos Crutes	147	25212
Epipaleolítico – Idade do Bronze	Arte rupestre	Azenha das Zebras	138	25209
Neolítico?	Menir?	Anta	39	
Neo-Calcolítico	Abrigo/Arte rupestre	Buraca da Moura	36	
Neo-Calcolítico	Achado isolado	Bouça de Oleiros	129	
Neo-Calcolítico	Achado isolado	Corga de Erva	152	28171
Neo-Calcolítico	Achado isolado	Moita do Pinheiro	121	
Neo-Calcolítico	Achado isolado	Pergulho	234	
Neo-Calcolítico	Anta	Anta?	50	
Neo-Calcolítico	Anta	Cabeço da Anta	145	25208
Neo-Calcolítico	Anta	Cabeço da Anta ou Lameiro	99	10374
Neo-Calcolítico	Anta	Cascalhal	197	
Neo-Calcolítico	Anta	Cruz	226	
Neo-Calcolítico	Anta	Espinho Pequeno 1	107	2451
Neo-Calcolítico	Anta	Espinho Pequeno 2	108	10936
Neo-Calcolítico	Anta	Espinho Pequeno 3	109	11179
Neo-Calcolítico	Anta	Junceira	101	
Neo-Calcolítico	Anta	Moita da Galinha	163	25217
Neo-Calcolítico	Anta	Pedra do Altar	100	
Neo-Calcolítico	Anta	Portela da Anavinhas	169	12763
Neo-Calcolítico	Anta	Vale Bastinho	176	25221
Neo-Calcolítico	Anta	Vale de Alvito	175	12572
Neo-Calcolítico	Arte rupestre	Almourão 1	42	
Neo-Calcolítico	Arte rupestre	Almourão 2	124	
Neo-Calcolítico	Arte rupestre	Buraca da Moura	245	
Neo-Calcolítico	Arte rupestre	Cabeço das Corgas	49	23273
Neo-Calcolítico	Arte rupestre	Pego do Vale das Cornas	192	27415
Neo-Calcolítico	Arte rupestre	Ribeiro do Sacristão	112	25219
Neo-Calcolítico	Arte rupestre	Rio Ocreza	194	27416
Neo-Calcolítico	Habitat?	Bouça de Oleiros	140	25210
Neo-Calcolítico	Mamoa	Antas 1	2	
Neo-Calcolítico	Mamoa	Antas 2	136	25204
Neo-Calcolítico	Mamoa	Antas ou Forno dos Mouros	137	25207
Neo-Calcolítico	Mamoa	Cão do Ribeiro	148	14593
Neo-Calcolítico	Mamoa	Chã das Vargens	105	
Neo-Calcolítico	Mamoa	Lameira das Antas 1	115	15667

Períodos Cronológicos	Tipo de Sítio	Topónimo	Nº	CNS
Neo-Calcolítico	Mamoa	Lameira das Antas 2	116	15668
Neo-Calcolítico	Mamoa	Lameira das Antas 3	119	15669
Neo-Calcolítico	Mamoa	Neve	91	25222
Neo-Calcolítico	Mamoa	Vale de Alvito	1	
Neo-Calcolítico?	Mamoa	Vale da Mua	114	
Neo-Calcolítico?	Mamoa?	Vale de Amodeis 1	47	
Neo-Calcolítico?	Mamoa?	Vale de Amodeis 2	48	
Neo-Calcolítico, Romano	Achado isolado	Maxiais	162	
Idade do Bronze (Final?)	Povoado muralhado	Estrada dos Mouros	33	15666
Idade do Bronze-Idade do Ferro	Arte rupestre	Pedra das Letras	4	25224
Idade do Ferro	Povoado muralhado	Cerca do Castelo	53	2447
Idade do Ferro?	Povoado	Castelos	120	15670
Romano	Achado isolado	Corcóvas	182	28440
Romano	Achado isolado	Maxiais	144	
Romano	Achado isolado	Olival da Barca	122	
Romano	Achado isolado	Pedra do Altar	191	5211
Romano	Achado isolado	Sobreira Formosa	127	
Romano	Casal rústico	Vale Montrinas	199	28430
Romano	Conheira	Foz da ribeira da Borracheira	173	
Romano	Conheira	Foz da ribeira da Fróia	135	28425
Romano	Conheira	Foz Sardinha	111	
Romano	Conheira	Olival da Barca	131	28200
Romano	Conheira	Sela Velha	133	28202
Romano	Habitat	Antas 1	161	
Romano	Habitat - necrópole	Antas 2	181	
Romano	Habitat - necrópole	Antas 3	185	
Romano	Habitat e enterramentos	Antas 4	180	
Romano	Inscrição	Labrunhal Fundeiro	186	28429
Romano	Necrópole	Antas	51	28162
Romano	Necrópole	Santo António	250	
Romano	Sepultura	Tapada	198	
Romano?	Achado isolado	Galisteu Cimeiro	200	
Romano?	Mina	Piçarra do Castelo	44	19326
Romano - Medieval	Habitat	Viampada	188	
Romano-Medieval	Conheira	Foz da Sardinha	158	28194
Romano-Medieval	Conheira	Foz do Ribeiro da Borracheira	183	26731
Romano-Medieval	Conheira	Vale da Fraga	177	28280
Romano-Medieval	Estação de superfície	Olival Cardoso	166	25218
Romano-Medieval	Exploração mineira	Foz da Sardinha	159	
Romano-Medieval	Exploração mineral	Foz da Ribeira do Alvito	157	15671
Romano-Medieval	Ponte	Ponte da Ladeira	168	853

Períodos Cronológicos	Tipo de Sítio	Topónimo	Nº	CNS
Romano-Medieval?	Exploração mineral	Buraca da Moura	141	28163
Romano-Medieval-Moderno	Estação de superfície	Cascalho/Lameirinho	150	25216
Romano-Medieval-Moderno	Estação de superfície	Tapada	174	28276
Romano-Contemporânea	Via	Cabeço das Corgas	43	19317
Medieval	Achado isolado	Cadafaz	219	
Medieval	Achado isolado	Sobreira Formosa	210	
Medieval	Habitat	Alagoa	233	
Medieval - Moderno	Habitat	Pisão	223	
Medieval - Moderno	Habitat	Vila de Vilares	196	
Medieval - Moderno	Sepultura	Outeiro	189	
Medieval-Moderno	Estação de superfície	Fidalgão	154	28173
Medieval-Moderno	Estação de superfície	Sepulturas	172	
Medieval-Moderno	Via	Vale Clérigo	110	
Medieval-Moderno	Via	Vale da Mua	113	
Medieval-Moderno	Via	Maxiais	3	
Moderno	Achado isolado	Póvoa	52	
Moderno	Capela	Capela do Espírito Santo	215	
Moderno	Capela	Santa Ana	211	
Moderno	Capela	Santo António	212	
Moderno	Cruzeiro	Montes da Senhora	217	
Moderno	Edifício	Casa do Conde	224	
Moderno	Estalagem	Catraia Fundeira	83	
Moderno	Ponte	Malhadal	208	
Moderno	Ponte	Naves	229	
Moderno	Ponte	Ponte das Naves	60	
Moderno	Via	Catraia Fundeira	81	
Moderno	Via	Cerejeira	79	
Moderno	Via	Couratão	80	
Moderno (1762)	Bateria	Fortes	86	34965
Moderno (1762)	Bateria	Batarias	90	
Moderno (1762)	Bateria	Couratão	73	11290
Moderno (1762)	Bateria	Fortes	85	11293
Moderno (1762)	Forte	Batarias	68	19292
Moderno (1762)	Forte	Batarias (de S. Jorge)	89	
Moderno (1762)	Forte	Catraia Fundeira	71	19294
Moderno (1762)	Forte	Catraia Fundeira	72	19295
Moderno (1762)	Forte	Fortes	84	34964
Moderno (1762)	Via (corte de via)	Cerejeira	77	
Moderno (1762?)	Bateria	Cerejeira	78	34963
Moderno (séc. XVI)	Igreja	Misericórdia de Proença-a-Nova	213	

Períodos Cronológicos	Tipo de Sítio	Topónimo	Nº	CNS
Moderno (séc. XVI)	Igreja	Misericórdia de Sobreira Formosa	214	
Moderno (séc. XVI)	Pelourinho	Proença-a-Nova	216	
Moderno-Contemporâneo	Capela	Espirito Santo	153	28172
Moderno-Contemporâneo	Fonte de mergulho	Fonte da Alagoa	155	28174
Moderno-Contemporâneo	Habitat	Casoroles da Foz Sardinha	151	
Moderno-Contemporâneo	Indeterminado	Cabeço dos Calvos	146	28168
Moderno-Contemporâneo	Moinho de vento	Pernadas	96	
Moderno-Contemporâneo	Moinho	Moitas 1	164	28198
Moderno-Contemporâneo	Moinho	Moitas 2	165	28199
Moderno-Contemporâneo	Moinho	Monte do Trigo	103	
Moderno-Contemporâneo	Moinho	Pergulho 1	98	
Moderno-Contemporâneo	Moinho	Pergulho 2	167	28201
Moderno-Contemporâneo	Moinho de vento	Relva da Louça	93	
Moderno-Contemporâneo	Moinho de vento	Santo António	92	
Moderno-Contemporâneo	Moinho de vento	Serimógão	94	
Moderno-Contemporâneo	Moinho de vento	Vale de Água 1	95	
Moderno-Contemporâneo	Ponte	Vale de Água 2	97	
Moderno-Contemporâneo	Ponte, lagar e moinho	Azenha do Zambujeiro	61	
Moderno-Contemporâneo	Povoado	S'la Velha	170	
Moderno-Contemporâneo	Trincheira	Batarias	70	34960
Moderno-Contemporâneo	Via	Castanheira	54	
Moderno-Contemporâneo	Via	Chã das Vargens	106	
Moderno-Contemporâneo	Via	Corgas	62	
Moderno-Contemporâneo	Via	Espinho Pequeno	63	
Moderno-Contemporâneo	Via	Monte Barbo	104	
Moderno-Contemporâneo	Via	Monte do Trigo	102	
Moderno-Contemporâneo	Via	Monte Fundeiro	66	
Moderno-Contemporâneo	Via	Murteirinha 1	64	
Moderno-Contemporâneo	Via	Murteirinha 2	65	
Moderno-Contemporâneo	Via	Palhota	67	
Moderno-Contemporâneo	Via	Serra das Corgas	57	
Moderno-Contemporâneo	Via	Vale de Urso	82	
Moderno - Contemporâneo	Capela	São João Baptista	225	
Moderno - Contemporâneo	Fonte de mergulho	Aldeia Cimeira	202	
Moderno - Contemporâneo	Fonte de mergulho	Chão Redondo	203	
Moderno - Contemporâneo	Fonte de mergulho	Cunqueiros	204	
Moderno - Contemporâneo	Fonte de mergulho	Giesteiras Cimeiras	205	
Moderno - Contemporâneo	Fonte de mergulho	Maxiais	206	
Moderno - Contemporâneo	Fonte de mergulho	Naves	207	
Moderno - Contemporâneo	Fonte de mergulho	Pedras Brancas	209	
Moderno - Contemporâneo	Ponte	Ponte das Naves	201	
Moderno - Contemporâneo	Via	Cruz	227	
Moderno - Contemporâneo	Via	Lameiro das Antas	126	
Moderno - Contemporâneo	Via	Naves	230	
Moderno - Contemporâneo	Via	Palhota	231	
Moderno - Contemporâneo	Via	Vale Canhestro	228	

Períodos Cronológicos	Tipo de Sítio	Topónimo	Nº	CNS
Moderno - Contemporâneo	Via	Vale de Alvito	128	
Moderno - Contemporâneo	Via	Vale do Zebro	195	
Moderno (1762?) -Contemporâneo (1801?)	Bateria	Batarias	69	19293
Moderno (1762?) -Contemporâneo (1801?)	Trincheira	Vale de Urso 1	87	34966
Moderno (1762?) -Contemporâneo (1801?)	Trincheira	Vale de Urso 2	88	
Contemporâneo	Achado isolado	Igreja Senhora das Dores	160	28196
Contemporâneo	Açude	Carregais	23	
Contemporâneo	Açude	Carregais	25	
Contemporâneo	Açude	Carregais	30	
Contemporâneo	Açude	Casalinho	19	
Contemporâneo	Açude	Cerejeira	6	
Contemporâneo	Açude e moinho	Casal da Ribeira	17	
Contemporâneo	Açude, levada e moinho	Carregais	20	
Contemporâneo	Alminha	Fatelo	46	
Contemporâneo	Arco	Vale Fagundes	179	
Contemporâneo	Cruzeiro	Estrada Nacional 233	59	
Contemporâneo	Forno de telha	Vale das Porcas	235	
Contemporâneo	Lagar	Carregais	22	
Contemporâneo	Lagar	Casalinho	18	
Contemporâneo	Lagar	Cerejeira	12	
Contemporâneo	Lagar	Chão das Vargens	132	
Contemporâneo	Lagar	Lagar da Fraga	237	
Contemporâneo	Lagar	Ponte do Alvito	15	
Contemporâneo	Lagar	Ribeiro do Zambujeira	56	
Contemporâneo	Levada	Carregais	24	
Contemporâneo	Levada	Cerejeira	5	
Contemporâneo	Levada e moinho	Cerejeira	14	
Contemporâneo	Moinho	Barroca da Alegria	13	
Contemporâneo	Moinho	Carregais	29	
Contemporâneo	Moinho	Cerejeira	8	
Contemporâneo	Moinho	Cerejeira	10	
Contemporâneo	Moinho	Cerejeira	11	
Contemporâneo	Moinho	Ribeira da Fróia	190	
Contemporâneo	Moinho	Sobral Fernando	134	
Contemporâneo	Moinho de vento	Atalaias	240	
Contemporâneo	Moinho de vento	Atalaias	241	
Contemporâneo	Moinho e açude	Carregais	21	
Contemporâneo	Moinho vento	Cançal	130	
Contemporâneo	Poldras	Cerejeira	9	
Contemporâneo	Poldras	Gaviãozinho	31	
Contemporâneo	Ponte	Carregais	27	
Contemporâneo	Ponte	Ponte do Alvito	16	
Contemporâneo (1801)	Bateria	Couratão	74	34961

Períodos Cronológicos	Tipo de Sítio	Topónimo	Nº	CNS
Contemporâneo (1801)	Forte	Couratão	75	11259
Contemporâneo (1801?)	Trincheira	Couratão	76	34962
Indeterminado	Abrigo	Buraca da Moura	242	
Indeterminado	Abrigo	Buraca da Moura	244	
Indeterminado	Abrigo	Buraca da Moura	246	
Indeterminado	Abrigo	Buraca da Moura	247	
Indeterminado	Abrigo	Buraca da Moura	248	
Indeterminado	Abrigo	Estrada dos Mouros	243	
Indeterminado	Abrigo	Lapa Cimeira	37	
Indeterminado	Abrigo	Lapa Fundeira	58	
Indeterminado	Achado isolado	Cimadas Cimeiras	125	
Indeterminado	Achado isolado	Olival da Barca	123	
Indeterminado	Arte rupestre	Casa da Moura	149	25213
Indeterminado	Arte rupestre	Pedreira	239	
Indeterminado	Cavidade natural	Buraca da Moura	117	28167
Indeterminado	Conheira	Carregais 1	28	
Indeterminado	Conheira?	Carregais 2	26	
Indeterminado	Escultura	Sobral Fernando	222	
Indeterminado	Galeria de mina	Buraca da Moura do Vale d'Engil	143	28166
Indeterminado	Gravura	Cerejeira	7	
Indeterminado	Igreja	Moitas	40	
Indeterminado	Indeterminado	Bico das Atalaias	139	
Indeterminado	Indeterminado	Escorregadoiro da Moura	118	28170
Indeterminado	Indeterminado	Fonte Ferrenha	156	28175
Indeterminado	Mina	Buraca da Moura	32	
Indeterminado	Mina	Navasqueiro	249	
Indeterminado	Mina?	Barreira Quebrada	142	28165
Indeterminado	Morouço	Castanheira	55	
Indeterminado	Muralha	Serra das Talhadas	34	
Indeterminado	Natural	Penha do Má Nome	238	
Indeterminado	Sepultura	Vale do Oiro	178	
Indeterminado	Tesouro	Padrão	236	
Indeterminado	Via	Anta 1	38	
Indeterminado	Via	Anta 2	41	
Indeterminado	Via	Lameira d'Antas	187	19343
Indeterminado	Via	Vale dos Rebolos Novos	35	